Revista Diálogos Mediterrânicos
www.dialogosmediterranicos.com.br
Número 18 – Julho/2020

Resenha de BARROS, José D'Assunção. *Os conceitos: Seus usos nas ciências humanas*. Petrópolis, RJ: EDITORA VOZES, 2016. 204 p.

Luiz Henrique Silva Moreira•

Enviado em: 20/03/2020
Aprovado em: 20/05/2020

Direto ao ponto, conciso, mas sem perder a profundidade de reflexão. É assim que José Costa D'Assunção Barros[1] nos apresenta o livro *Os Conceitos* (2016), sem introdução ou prefácio, como alguém que tem algo pra falar e não pretende esperar. *Sintomas de pressa? Talvez!* Pois o autor sabia que estava por adentrar um campo basilar para todo pesquisador em Ciências Humanas, encarando uma reflexão que nunca perde sua atualidade. Refletir sobre o conceito aparece como necessidade, e é sobre esta necessidade que o experiente historiador vem falar a todos, do calouro ao catedrático.

De fato, não seria pretensioso afirmar que Assunção Barros é uma importante referência brasileira no que diz respeito ao estudo de teoria e metodologia da pesquisa em História, assunto o qual o autor debruça-se há um certo tempo e tem uma produção prolífica, tornando-se possível destacar *O Projeto de Pesquisa em História, O Campo da História* e também os quatro volumes da coleção *Teoria da História*[2]. Medievalista com dissertação e tese, em História, voltadas aos Trovadores galego-portugueses dos séculos XIII e XIV, sendo também musicista de formação, há um tempo o mesmo tentar aliar suas duas paixões, Música e História, na busca de uma maneira didática que facilite o ensino de Teoria e Metodologia da História. Tentativa essa que se faz presente no livro *Os Conceitos* (2016), ao passo que o autor busca explicitar a criação, abrangência, necessidade e utilidades dos conceitos nas Ciências Humanas. A mediação interdisciplinar entre História e Música

• Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná – Linha de Pesquisa "Cultura e Poder; discente participante do Núcleo de Estudos Mediterrânicos.

[1] Doutor em História (Universidade Federal Fluminense, 1999); Mestre em História (Universidade Federal Fluminense, 1994); graduado em História (Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993); graduado em Música (Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989). Professor Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (desde 2009) e Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 2010. É coordenador e líder do Laboratório de Pesquisas em Teoria da História e Interdisciplinaridade (LAPETHI).

[2] *Cf:* BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História – Especialidades e Abordagens*. 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004. 222 p.; BARROS, José D'Assunção. *O Projeto de Pesquisa em História.* 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005. 236 p.; BARROS, José D' Assunção. *Teoria da História, volume I. Princípios e Conceitos Fundamentais.* 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. 319 p.; BARROS, José D'Assunção. *Teoria da História, volume II. Os primeiros paradigmas: Positivismo e Historicismo.* 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. 246 p.; BARROS, José D'Assunção. *Teoria da História, volume III. Os Paradigmas Revolucionários.* 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. 327 p.; BARROS, José D'Assunção. *Teoria da História, volume IV. Acordes Historiográficos – uma nova proposta para a Teoria da História.* 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. 445 p.

é resultado de uma busca por uma didática de ensino eficiente que vai além da interdisciplinaridade, refletindo-se em sua narrativa de fácil entendimento, no uso constante de imagens, mapas mentais e tabelas. Para concluir cada parte do livro o autor propõe uma reflexão e uma revisão dos conhecimentos abordados até o momento, reflexão que tem por base analogias com a teoria musical para exemplificar o trabalho com os conceitos, transformando estes em *notas musicais*.

Provocador. Como já foi supracitado, o autor abdica de introduções e prefácio, tanto para a obra como um todo quanto para cada subdivisão, de modo que escolhe epígrafes de pequenos trechos literários para fazê-lo. De Carlos Drummond de Andrade a Heráclito, passando pelo Livro de Gênesis na Bíblia e por Bertold Brecht, é assim que o autor escolhe apresentar cada parte da obra. É uma escolha, intencional, e resenhar essa obra de outra forma que não levasse tudo isso em conta seria um desrespeito, com o autor e com a obra. Sendo assim, a presente resenha fará uso de tais epígrafes para fornecer ao leitor chaves de leituras que auxiliem e enriqueçam a leitura do livro aqui abordado.

É com as duas últimas estrofes do poema *Procura da Poesia,* de Carlos Drummond de Andrade, que Assunção Barros abre a primeira parte do trabalho – *Procura do conceito* – de forma convidativa, chamando o leitor para *contemplar as palavras* e suas *mil faces.* Esse excerto literário define bem o primeiro momento da obra que se divide em quatro pequenos capítulos e visa cumprir essa função de introduzir o leitor ao problema dos conceitos, principalmente de como distinguir estes de simples palavras. O autor passa a se utilizar do exemplo *fictício* de como haveria surgido a astronomia para mostrar que os conceitos são latentes ao mundo humano e que cada conceito detém vontade própria, a vontade de racionalizar e compreender a realidade, ou melhor, compreender um evento do mundo o qual se conhece, pois nas palavras do autor "a vontade de conceito, ao menos na ciência, parece sempre visar à realidade"[3].

Ainda na primeira parte, o autor toma o conceito de "violência" como um exemplo a ser analisado, tal análise perpassará o livro todo e serve como uma maneira na qual o leitor pode mapear o passo a passo do trabalho com os conceitos na visão de Assunção Barros. O primeiro passo é demonstrar como o conceito age tal qual uma ferramenta que operacionaliza determinada análise, destacando assim que em relação às Ciências Humanas, e principalmente à História, o conceito é determinado pelo objeto de análise, no caso da História a fonte, e não ao contrário. Salientando que por vezes o termo que irá operacionalizar já existe no espaço e no tempo a ser analisado, restando ao pesquisador a tarefa de conceituar o termo.

[3] BARROS, José D'Assunção. *Os conceitos: Seus usos nas ciências humanas.* Petrópolis, RJ: EDITORA VOZES, 2016. p. 18-19.

Para falar de criação e produção de conceitos na segunda parte do livro – *Conceitos e produção de conhecimento* – o autor recorre à narrativa bíblica da criação e da produção no Livro de Gênesis (2, 19-20) visando mostrar que, tal qual Adão que nomeou os animais, o pesquisador cria conceitos e conceitua para organizar realidades. Com uma narrativa bem concatenada o autor inicia do ponto em que se encerrou o momento anterior do texto, mostrando uma linearidade argumentativa que se mantêm durante toda a obra. Adentra-se à empreitada de explicitar como os conceitos servem à ciência na produção de conhecimento, elencando seis funções que esses assumem durante o processo: 1) função de *comunicar*, visto que os conceitos se apresentam como unidade de comunicação que visa expressar determinada perspectiva teórica através de uma palavra ou expressão; 2) função de *organizar*, pois cada conceito contém e delineia conteúdos específicos, função essa que é abordada de forma recorrente na obra ao passo que o autor se depara com a constante inversa entre "compreensão" e "extensão" do conceito; 3) função de *generalizar* e 4) de *comparar*, entrelaçam-se, pois partindo da função de organizar que permite delimitar, têm-se a possibilidade de enquadrar objetos especulativos que detenham características comuns em um único conceito, como "pássaro", "planeta" e "estrela", e se de um lado a possibilidade de caracterizar os conceitos permite tal generalização, de outro permite que se compare características distintas; 5) função de *problematizar,* essencial para os pesquisadores das Ciências Humanas, fornecendo possibilidades de interpretações e análises; 6) função de *aprofundar*, sintetiza os processos anteriores já que em seu decorrer os conceitos permitem que se ultrapassasse os níveis de ingenuidade do senso comum, em relação aos objetos de análises abarcados pelos mesmos.

Além de construir uma distinção entre conceito e outros instrumentos teóricos, como termos e noções[4], nesse segundo momento do livro o autor passa a construir, de maneira sútil, uma narrativa de afronta com as outras áreas que perdem de vista a relação do conceito com a *realidade*, noção essencial para compreender o pensamento de Assunção Barros em relação ao *uso* do conceito. Em um primeiro momento a obra afronta a obscuridade dialetal dos juristas que parece fazer da inacessibilidade dos conceitos aos leigos uma tentativa de transformar saber em poder e conservar distância desses[5]. E uma afronta provocativa contra o modo pelo qual a filosofia faz uso dos conceitos pois, segundo o autor, "cada filósofo ou mesmo cada obra tende a criar conceitos que só servirão para ela própria"[6] se comparadas com as demais ciências humanas, principalmente a História.

[4] BARROS, José D'Assunção. *Os conceitos: Seus usos nas ciências humanas.* Petrópolis, RJ: EDITORA VOZES, 2016. p. 66.
[5] BARROS, José D'Assunção. *Os conceitos: Seus usos nas ciências humanas.* Petrópolis, RJ: EDITORA VOZES, 2016. p. 37.
[6] BARROS, José D'Assunção. *Os conceitos: Seus usos nas ciências humanas.* Petrópolis, RJ: EDITORA VOZES, 2016. p. 60.

Com a clássica passagem de Brecht, em *Da Violência*, Assunção Barros convida o leitor para refletir sobre o ponto de vista do "*rio que tudo arrasta*" e das "*margens que o comprimem*", para introduzir o leitor à uma discussão sobre como, tal qual o *rio* e a *margem*, os conceitos e as suas características relacionam-se, articulam-se e enfrentam-se. Abandonando o conceito de pássaro que foi útil durante a primeira metade do livro, nesse terceiro momento da obra – *A formulação conceitual* – tem-se como objetos de análise inicial o conceito de Revolução, sua conceitualização em Hanna Arendt e como esse tem sido usado para redefinir a ditadura Brasileira de 64.

Ao caminhar pelo pensamento de Arendt acerca da Revolução o autor mostra como a relação extensão-compreensão do conceito é posta na prática e se operacionaliza em uma pesquisa. Em Arendt o conceito de Revolução *abrange* as características de ser um evento violento, bem sucedido, fruto de um movimento sociopolítico que buscam a liberdade, a instituição do novo, ou seja, mudanças sociais através de uma ruptura política, partindo de tais características seria possível *estender* o conceito de Revolução às Revoluções Francesa (1789), Americana (1776) e a Russa (1917). Sempre enfatizando o conceito como um mecanismo produtor de conhecimento que deve escapar ao senso comum e à conceituação cotidiana, adentra-se no exemplo prático de como a redução da *compreensão* do conceito pode causar divergências teóricas e consequências sociais. Trata-se do exemplo da Ditadura Militar Brasileira de 1964 que ao diminuir as características de *compreensão* do conceito de Revolução, aumento a sua *extensão* a ponto de, segundo as definições dos defensores da mesma, tratar tal ditadura como "Revolução de 64". Enganchado nessa discussão, a aborda-se o caso da criação do conceito de *dictablanda* (ditabranda)[7] no governo ditatorial de Berenguer (1930-1931) na Espanha, que ao tentar "abrandar" a imagem dos governos ditatoriais, acabou por expressar uma nova formulação conceitual que teve como origem um meio não acadêmico.

Com exemplos práticos, o autor retoma pontos anteriormente tocados sob o aspecto da especulação teórica. Retoma-se a discussões como a relação dos conceitos, dessa vez pensando como estes se articulam e se conectam em redes, como "revolução" e "liberdade" no pensamento de Hannah Arendt. Retoma-se também a díade compreensão e extensão na busca de uma justa medida.

E é com Heráclito de Éfeso e a basilar máxima da impossibilidade de entrar em um mesmo rio duas vezes, "*porque tu mesmo já serás outro e outras serão as águas que nele corre",* que Assunção Barros recepciona o leitor à última parte de sua obra – *Os conceitos na História* –. Como o letreiro já diz, trata-se de um momento onde Assunção Barros irá se debruçar sobre a historicidade dos conceitos. Para tal, aborda-se os conceitos na História e o caso singular do texto histórico que

[7] BARROS, José D'Assunção. *Os conceitos: Seus usos nas ciências humanas.* Petrópolis, RJ: EDITORA VOZES, 2016. p. 106-108.

coaduna duas temporalidades distintas, a do tempo abordado e a do autor. Para confirmar a peculiaridade do texto histórico a narrativa de afronta aos textos filosóficos é retomada, pois segundo o autor enquanto o texto filosófico apenas trava um monólogo consigo mesmo, o texto histórico é obrigado a dialogar com discursos de outros tempos e outros autores para trazer para diante dos olhos do leitor o percurso do pensamento e da pesquisa.

A partir de tal, o autor passa a explorar os dois níveis de conceitos definidos por Reinhart Koselleck. O nível 1, dos conceitos instrumentalizados por uma comunidade científica criados no tempo do pesquisador ou que foram criados por uma tradição historiográfica e ainda se fazem presentes. O outro nível diz respeito aos conceitos que aparecem nas fontes e nos discursos da época.

Ao usar o termo Papa como exemplo de conceitos que podem ser transportados para outras temporalidades sem causar anacronismos ou estranhamentos, que as *consequências da pressa* se fazem presentes. De fato, termos com tal mobilidade são comuns e têm-se como exemplo os conceitos de *Cultura, Ideologia* e *Mentalidade,* que são transportados para várias temporalidades por diversos pesquisadores. Acertadamente o autor destaca que o antes do século IX o termo *Papa* não era usado exclusivamente para designar o pontífice romano[8], visto que o mesmo descende de uma forma grega usada para tratar um pai de forma afetuosa, que também era usado para se referir ao Bispo de Roma, detentor da *auctoritas*. O sintoma da pressa expressa-se na afirmação de que não existe uma receita para descobrir quais conceitos podem ou não ser usadas em diferentes temporalidades, resumindo tal percepção a um *feeling*[9] que o historiador deve desenvolver, expressão que parece relativizar demasiadamente a *operação historiográfica*. Talvez a receita exista, e tenha sido exposta pelo próprio Assunção Barros, trata-se simplesmente de reconhecer em qual dos dois níveis conceituais o conceito se encontra, logo que o autor resumiu a *feeling* corresponde a um uso consciente do conceito e a qual dos dois níveis este pertence. Se pertencente ao nível de conceitos teorizados pela tradição, o pesquisador fará uso deste com vistas ao modo como esse pode operacionalizar a pesquisa e às reflexões legadas pela tradição. Se pertencendo ao nível de conceitos presentes em fontes e discursos da época, o seu uso será com vistas à abrangência de seu significado e uso, mapeando conceitos do período em questão que podem ser tomados como sinônimos e antônimos.

Tal discussão acerca do anacronismo se estende até o final da obra. Passando por aspectos como diacronia e sincronia dos conceitos, a teorização conceitual ganha aspectos de complexidade sem perder o ar de uma linguagem acessível e de cunho introdutório à discussão. Talvez o que deva

[8] BARROS, José D'Assunção. *Os conceitos: Seus usos nas ciências humanas.* Petrópolis, RJ: EDITORA VOZES, 2016. p. 146.
[9] BARROS, José D'Assunção. *Os conceitos: Seus usos nas ciências humanas.* Petrópolis, RJ: EDITORA VOZES, 2016. p. 147.

ser pontuado, é que ao passo que a teorização sobre o conceito torna-se complexa, os exemplos que se utilizam da música para explicitar tal processo também se tornam complexos, ocasionando um certo estranhamento para os leitores não habituados à teoria musical, ofuscando reflexões que por si só já estavam suficientemente claras e delineadas sem tais exemplos.

O pesquisador que constantemente se retira das águas correntes da *Ciência* para refletir sobre a realidade leva consigo tudo o que foi capaz de beber. Ao retornar para essa torrente, que é constantemente filtrada e abastecida por outros, depara-se com um outro rio, que correu e mudou, mas esse pesquisador também já é outro, e novamente adentra nesse rio para fazê-lo correr e mudar. O mecanismo pelo qual a teoria e a metodologia se encontram, que permite que o pesquisador garimpe pepitas de conhecimento para enriquecer a realidade, e também lave o rosto que teve os sentidos ofuscados pelo tempo e o senso comum, esse é o conceito.

Assunção Barros apresenta as Ciências Humanas como sinfonias, onde o conceito possibilita que o pesquisador reorganize e compreendas as notas que tecem as mesmas, aqui estas ressoam o sereníssimo e estrondoso som da *realidade,* que não deve sair das vistas e dos ouvidos do pesquisador.